



Revista
de Psicologia

ISSN 2179-1740

ESCALA DE SENSO DE COMPETÊNCIA PARENTAL (PSOC): EVIDÊNCIAS DE VALIDADE E PRECISÃO EM CONTEXTO BRASILEIRO

*PARENTING SENSE OF COMPETENCE SCALE (PSOC): VALIDITY AND ACCURACY
EVIDENCE IN BRAZILIAN CONTEXT*

Darlene Pinho Fernandes de Moura¹
Emanuela Maria Possidônio de Sousa²
Walberto Silva dos Santos³
Sophia Lóren de Holanda Sousa⁴

Resumo

O senso de competência parental é definido como expectativas e crenças que o indivíduo tem acerca da sua capacidade para desempenhar o papel parental de forma competente e eficaz, englobando, portanto, características como percepção de autoeficácia e satisfação parental. Este estudo objetivou reunir evidências de validade e precisão da Escala de Senso de Competência Parental (PSOC). Para tanto, participaram da pesquisa 214 mães, com idades entre 18 e 49 anos ($M=33,48$, $DP=5,81$), a maioria heterossexual (96,2%) e casada (70,4%). Inicialmente, observou-se a adequação da matriz de dados, cujos resultados demonstraram $KMO = 0,80$ e Teste de Esfericidade de Bartlett significativo [$\chi^2(120) = 664,238$; $p < 0,001$]. Observando os critérios de Kaiser, Cattell e Horn, indicou-se a possibilidade de se extrair dois fatores. Efetuou-se, portanto, uma Análise de Componentes Principais (rotação oblimin) com dois fatores fixos. A solução final (16 itens) explicou 33,77% da variância total e apresentou alfa de Cronbach de 0,79. O primeiro fator (Satisfação, 9 itens), explicou 24,18% da variância e apresentou alfa de 0,75; o segundo (Eficácia, 7 itens) explicou 9,54% e obteve alfa de 0,70. O instrumento apresentou bons parâmetros psicométricos, entretanto, recomenda-se que novos estudos sejam realizados a fim de confirmar a estrutura encontrada.

Palavras-chave: Senso de competência parental; adaptação; validade; precisão.

Abstract

The sense of parental competence can be defined as the individual's expectations and beliefs about his / her ability to perform the parental role competently and effectively, thus encompassing characteristics such as perceived self-efficacy and parental satisfaction. This study aimed to gather evidence of validity and accuracy of the Sense of Parental Competence Scale (PSOC). A sample of 214 mothers aged 18-49 ($M = 33.48$, $SD = 5.81$), most heterosexual (96.2%) and married (70, 4%). Initially, the adequacy of the data matrix, whose results demonstrated $KMO = 0.80$ and the Bartlett's Sphericity Test was significant [$\chi^2(120) = 664,238$; $p < 0,001$]. Observing the criteria of Kaiser, Cattell and Horn, it was indicated the possibility of extracting two factors. Therefore, a Principal Component Analysis (oblimin rotation) was performed with two fixed factors. The final solution, composed of 16 items, explained 33.77% of the total variance and presented Cronbach's alpha of 0.79. The first factor (Satisfaction) collected 9 items, explained 24.18% of the variance and presented Cronbach's alpha of 0.75; the second factor (Efficacy) was configured in 7 items, explained 9.54% and obtained alpha of 0.70. The instrument presented good psychometric parameters; however, further studies are recommended to confirm the structure found.

Keywords: Sense of parental competence; adaptation; validity; reliability.

¹ Professora do Curso de Psicologia da Universidade Federal do Ceará (UFC-Campus Sobral), Brasil. Doutoranda em Psicologia (UFC). E-mail: darlene.fernandes@ufc.br. <https://orcid.org/0000-0003-4258-0915>

² Professora do Curso de Psicologia do Centro Universitário Sete de Setembro (UNI7), Brasil. Doutoranda em Psicologia (UFC). E-mail: em.possidonio@gmail.com. <https://orcid.org/0000-0002-0312-9876>

³ Professor do Curso de Psicologia da Universidade Federal do Ceará, Brasil. Doutor em Psicologia Social. E-mail: walbertosantos@gmail.com. <https://orcid.org/0000-0001-6816-0105>

⁴ Mestranda em Psicologia, Universidade Federal do Ceará, Brasil. E-mail: sophialorens1@gmail.com. <https://orcid.org/0000-0002-1470-5867>

INTRODUÇÃO

Diferentes pesquisas reconhecem que as cognições parentais desempenham um papel importante na interação pai-criança (Bornstein, Putnick, & Suwalsky, 2018; Johnston, Park, & Miller, 2018; Pereira, & Barros, 2019). Um exemplo dessas cognições é o que se chama de senso de competência parental (Johnston & Mash, 1989). De um modo geral, esta variável pode ser definida como as expectativas e as crenças que o indivíduo tem acerca da sua capacidade para desempenhar o papel parental de forma competente e eficaz, englobando, portanto, características como percepção de autoeficácia e satisfação parental (Johnston & Mash, 1989; Jones & Prinz, 2005; Ohan, Leung, & Johnston, 2000). Embora correlacionadas, pode-se dizer que a autoeficácia refere-se à autoavaliação do pai acerca de suas habilidades, competências e dificuldades, ao passo que a satisfação diz respeito ao grau do afeto associado à parentalidade (Johnston & Mash, 1989).

O senso de competência parental sofre influência de variáveis contextuais (ex. intensidade do comportamento da criança, temperamento da criança) e de elementos individuais (ex. crenças, valores e temperamento/personalidade do cuidador) que permitem que, mesmo em circunstâncias semelhantes, ocorra uma ampla variação nas manifestações dessa competência (Pardo, Carvalho, Fontaine, & Freitas, 2018). O temperamento negativo da mãe e da criança, por exemplo, podem ser preditores da avaliação negativa do senso de competência parental (Grady & Karraker, 2016).

Estudos associam o senso de competência parental com diferentes variáveis parentais, como as práticas ou estilos (Belean, & Năstasă, 2017; Bornstein, Putnick & Suwalsky, 2018), o estresse (Berryhill, 2016; Jackson, & Moreland, 2018; Katkić, L., Morović, M., & Kovačić, 2017) e o bem-estar parental (Nelson, Kushlev, & Lyubormirsky, 2014). Um estudo desenvolvido por Berryhill (2016), por exemplo, feito com 74 pais que, no momento da avaliação, trabalhavam e cuidavam de pelo menos uma criança em idade escolar, indicou que uma autoavaliação positiva do papel que a pessoa desempenhava no cuidado de seus filhos tendia a atenuar o surgimento de estresse parental. Além disso, também se discute que, quando os pais se sentem seguros no desempenho de sua função parental, torna-se mais possível o uso de estilos e práticas parentais positivas e, por conseguinte, é favorecido o processo de desenvolvimento positivo dos filhos (Belean, & Năstasă, 2017; Bornstein, Putnick & Suwalsky, 2018).

No campo da avaliação, diferentes medidas têm sido propostas para se avaliar aspectos relacionados ao construto, como é o caso da Escala de Avaliação Parental (Farkas-Klein, 2008), da Escala de Competências Parentais para a Idade Pré-Escolar- EACP (Cruz, & Pocinho, 2011) e da Escala de Senso de Competência Parental-PSOC (Johnston, & Mash, 1989). Entre estas medidas, destaca-se a PSOC, a qual foi escolhida para este estudo, por se constituir uma das medidas mais difundidas no estudo da competência parental com bons dados psicométricos referenciados na literatura internacional.

No geral, a PSOC se constitui em um instrumento de autorrelato, de fácil administração, composto por 17 itens, respondidos em escala *likert* de 6 pontos, que avalia o senso de competência parental (Johnston & Mash, 1989). Esta medida, proposta por Gibaud-Wallston & Wandersman (1978) e, posteriormente, reformulada por Johnston e Mash (1989) é constituída com base nos pressupostos da teoria geral sobre a autoestima de Bandura (1982).

Ao longo dos últimos anos, a PSOC vem sendo utilizada para avaliar cuidadores em diferentes amostras, como, por exemplo, em mães com depressão pós-parto (Martinez-Torteya, Katsonga-Phiri, Rosenblum, Hamilton, & Muzik, 2018) ou com filhos prematuros (Duan, Lei, & Chen, 2018), famílias com crianças adotadas (Jiménez-Morago,

León, & Algeciras, 2018), pais com filhos autistas (Arellano, Denne, Hastings, & Hughes, 2017) ou comportamentos disruptivos (Latham, Mark, & Oliver, 2018); encontrando-se estudos psicométricos em contextos culturais distintos, como: Estados Unidos (Bui *et al.*, 2017), Espanha (Oltra-Benavent, Cano-Climent, Oliver-Roig, Cabrero-García, & Richart-Martínez, 2019), Uganda (Augustinavicius *et al.*, 2020), e Portugal (Seabra-Santos *et al.*, 2015).

Não obstante a sua ampla utilização, ainda não há consenso acerca da dimensionalidade da PSOC. Publicações nessa direção têm indicado estruturas compostas por dois (Johnston & Mash, 1989; Bui *et al.*, 2017; Pardo, Freitas, Carvalho, Silveira, & Fontaine, 2018; Seabra-Santos *et al.*, 2015), três (Ferreira, Veríssimo, Santos, Fernandes e Cardoso, 2011; Nunes *et al.*, 2016) e até quatro fatores (Gilmore & Cuskelly, 2009).

Em uma análise de componentes principais, desenvolvida por Johnston e Mash (1989) com pais de crianças de 4 a 9 anos, a escala apresentou uma estrutura de dois fatores (explicando 36% da variância total). O primeiro fator, denominado Satisfação (9 itens) fazia referência ao nível de frustração, ansiedade e motivação parental e o segundo fator, Eficácia (7 itens), referia-se à capacidade de pais de resolver problemas decorrentes da relação pai-filho. Esta estrutura também foi encontrada em estudo feito com mães de crianças de seis a doze meses da Espanha (Oltra-Benavent *et al.*, 2017), com pais de crianças pré-escolares portuguesas (Seabra-Santos *et al.*, 2015) e em uma amostra clínica de militares (Bui *et al.*, 2017).

Em contraponto, em uma análise fatorial confirmatória, desenvolvida por Ferreira *et al.* (2011) apontou-se um melhor ajuste para estrutura de três fatores (satisfação, eficácia e interesse) em uma amostra de pais portugueses. O terceiro fator, chamado interesse, abrangeu 3 itens (itens 2, 12 e 14) e foi definido como o nível de envolvimento parental (Ferreira *et al.*, 2011). Um outro estudo em contexto português foi desenvolvido por Nunes *et al.* (2016) com 146 mães de famílias de risco, também foi encontrada a versão de três fatores, entretanto, os fatores encontrados foram distintos (eficácia, insatisfação e controle) da versão proposta por Ferreira *et al.* (2011).

Em acréscimo, embora não tão comum entre os estudos, a versão de quatro fatores foi relatada no estudo de Gilmore & Cuskelly (2009). O quarto fator, denominado controle, contemplou apenas dois itens (1 e 7) e estava relacionado à habilidade em solucionar problemas parentais. Geralmente, observa-se que as estruturas com dois e três fatores são bem mais frequentes e as diferenças encontradas nos estudos não estão apenas relacionadas à quantidade dos fatores, mas também ao número e à distribuição dos itens, o que torna pertinente a observação dos dados em outros contextos.

Em relação às evidências baseadas em medidas com construtos relacionados (CFP 009/2018), estudos já testaram a relação da PSOC com instrumentos, como o: *Child Behavior Checklist-CBCL* (Johnston & Mash, 1989) e a Escala de Atividade de Werry-Weiss-Peters (Seabra-Santos *et al.*, 2015). Nesse estudo, dada a relação teórica previamente existente, será testada a relação da PSOC com os estilos parentais e comportamentos infantis, que serão operacionalizados por meio do Inventário de Estilos Parentais- IEP (Gomide, 2011) e do Questionário de Capacidades e Dificuldades- SDQ (Fleitlich, Cortázar, & Goodman, 2000).

Quanto à fidedignidade, na maioria das publicações, a PSOC apresentou alfas de *Cronbach* iguais ou superiores a 0,70 (Johnston & Mash, 1989; Seabra-Santos *et al.*, 2015). No estudo original de Johnston e Mash (1989), por exemplo, tanto o total de itens (0,79) como os fatores Satisfação (0,75) e Eficácia (0,76) apresentaram bons índices de consistência interna. Tais dados se assemelham aos resultados de Seabra-Santos *et al.* (2015).

Apesar da difusão do PSOC em diferentes culturas, ainda é reduzido o número de pesquisas que analisam aspectos importantes sobre suas qualidades psicométricas, como validade, fidedignidade e estrutura fatorial,

sobretudo em países com idiomas diferentes do inglês. Em uma breve revisão realizada, três estudos foram encontrados em amostras de língua portuguesa (Nunes *et al.*, 2016; Ferreira *et al.*, 2011; Seabra-Santos *et al.*, 2015), porém todos provenientes de Portugal, o que, apesar das semelhanças, possui variantes culturais e linguísticas que não garantem, por exemplo, a extensão da adaptação para o contexto brasileiro.

No Brasil, embora se discuta que uma melhoria no senso de competência parental tende a tornar mais positivas as relações pais-filhos (Camilo & Garrido, 2013; Pardo *et al.*, 2018), os estudos sobre o tema ainda se apresentam incipientes (Raposo *et al.*, 2011; Santini & Williams, 2016). Apesar de a PSOC ser uma referência mundial no campo da avaliação do senso de competência parental (Jones & Printz, 2005; Seabra-Santos *et al.*, 2015), os estudos que utilizam esta medida no Brasil ainda são escassos. Com base em revisão realizada, apenas um estudo apresentou, no contexto em questão, dados psicométricos de uma versão reduzida da escala em uma amostra de pais com baixa renda (Pardo *et al.*, 2018);

Sobre isso, encoraja-se que novos estudos sejam realizados e discute-se que o uso de medidas curtas, de fácil aplicação, como a PSOC, torna-se ainda mais essencial, por exemplo, quando se deseja contar no âmbito das avaliações de eficácia das intervenções parentais com medidas que reúnam parâmetros psicométricos satisfatórios (Löfgren, Petersen, Nilsson, Ghazinour, & Hägglöf, 2017). Assim, a proposta de realizar a adaptação e apresentar evidências psicométricas desta medida pode favorecer, por exemplo, as pesquisas e a avaliação de estratégias de intervenção no campo da parentalidade. Tendo isso em vista, neste estudo, tem-se o objetivo de adaptar e apresentar os parâmetros psicométricos de validade e precisão da PSOC em uma amostra de mães brasileiras.

MÉTODO

Participantes

Contou-se com a participação de 214 mães na faixa etária dos 18 aos 49 anos ($M=33,48$, $DP=5,81$), a maioria de orientação heterossexual (96,2%) e casadas (70,4%). No que se refere à religião, 51,9 % assumiram-se católicas, 30,4% evangélicas, 4,2% espíritas e 8,4% declararam não possuir nenhuma religião. Em relação à escolaridade, as participantes se distribuíram entre ensino superior completo (53,5%), ensino médio completo (21,6%), ensino superior incompleto (19,7%), ensino fundamental incompleto (3,3%), ensino médio incompleto (1,4%) e ensino fundamental completo (0,5%).

Os questionários foram respondidos sobre crianças de 3 a 7 anos ($M=5,1$, $DP=1,46$), sendo que 50,2% eram do sexo feminino e a maioria matriculada em escola privada (78,5%), sem problemas de saúde (83,1%) e que passam a maior parte do tempo com a mãe (74,3%). Vale ressaltar que, em caso de mães com mais de uma criança dentro dos critérios da pesquisa, foi recomendado que fosse respondido apenas um questionário e escolha da criança avaliada era feita conforme interesse da mãe. Tal amostra foi de conveniência, participando da pesquisa aquelas que foram convidadas e aceitaram colaborar voluntariamente.

Instrumentos

Os participantes responderam aos seguintes instrumentos:

Escala de Sentido de Competência Parental (*Parenting Sense of Competence Scale* – PSOC). Desenvolvida por Johnston e Mash (1989), o instrumento tem o objetivo de avaliar a auto percepção geral de competência parental. Configura-se como uma medida de autorrelato constituída por 17 afirmações sobre as quais os sujeitos devem se posicionar em uma escala *likert* de seis pontos, que varia entre "Concordo totalmente" e "Discordo totalmente". O tempo necessário para responder ao instrumento é de cerca de 10 a 15 minutos. O resultado total é obtido por meio da soma dos itens (após inversão dos negativos), quanto mais alta é a pontuação, maior é o senso de competência parental;

Questionário de Capacidades e Dificuldades- SDQ (Fleitlich, Cortázar, & Goodman, 2000): Instrumento de triagem utilizado para avaliar o comportamento de crianças e adolescentes da faixa etária de 3 a 16 anos. Possui três versões, uma para ser respondida pelos pais, professores e uma pela própria criança (entre 11 e 16 anos, dependendo do nível de alfabetização). Neste estudo, foi utilizada apenas a versão voltada para pais, a qual, em sua versão original, contempla 4 fatores que avaliam dificuldades, a saber: Escala de Sintomas Emocionais (“*Frequentemente parece triste, desanimado ou choroso*”); Escala de Problemas de Conduta (“*Frequentemente tem acessos de raiva ou crises de birra*”); Escala de Hiperatividade (“*Está sempre agitado, balançando as pernas ou mexendo as mãos*”); Escala de Problema de Relacionamento com os Colegas (“*Frequentemente briga com outras crianças ou as amedronta*”); e um fator que avalia capacidades, denominado Escala de Comportamento Pró-social (“*Tem consideração pelos sentimentos de outras pessoas*”). Cada fator é composto por cinco itens, formando um total de 25 itens. As respostas são dadas em uma escala de 3 pontos, em que 2 corresponde à “*verdadeiro*”, 1 corresponde à “*mais ou menos verdadeiro*” e 0 corresponde à “*falso*”. A pontuação total de dificuldades é dada pela soma dos resultados de todas as escalas, com exceção da escala de comportamentos pró-sociais, podendo variar de 0 a 40 pontos. É necessário que no mínimo 12 dos 20 itens estejam respondidos para que se possa considerar o resultado;

Inventário de Estilos Parentais – IEP: instrumento que avalia como algumas práticas utilizadas pelos pais podem promover o desenvolvimento de comportamentos antissociais ou pró-sociais (Gomide, 2011). O instrumento dispõe de três questionários, dois referentes às práticas parentais dos pais e das mães respondidos pelo(a) filho(a) e uma versão respondida pelo próprio pai, mãe ou responsável. Nesse estudo, foi utilizada apenas a versão respondida pelo responsável. Para isso, são utilizados 42 itens (Gomide, 2011), abordando cinco estilos parentais negativos: abuso físico (ex. “*Bato com cinta ou outros objetos nele(a)*”), punição inconsistente (ex. “*Quando estou nervoso(a), acabo descontando no meu filho(a)*”), disciplina relaxada (ex. “*Ameaço que vou bater ou castigar e depois não faço nada*”), monitoria negativa (ex. “*Se meu filho(a) estiver aborrecido(a), fico insistindo para contar o que aconteceu, mesmo que ele(a) não queira contar*”) e negligência (ex. “*Meu filho(a) fica sozinho em casa a maior parte do tempo*”); e dois positivos: monitoria positiva (ex. “*Pergunto como foi seu dia na escola e ouço atentamente*”) e comportamento moral (ex. “*Ensino meu filho(a) a devolver objetos ou dinheiro que não pertencem a ele(a)*”). As respostas são dadas em uma escala de 3 pontos, em que 2 pontos equivalem a “*sempre*”, 1 equivale a “*às vezes*” e 0 equivale a “*nunca*”. O resultado é dado pela subtração do total das práticas positivas pelo total das negativas, resultando no índice de estilos parentais (Gomide, 2011);

Questionário Sociodemográfico: abordou questões como idade, gênero, religião, escolaridade, estado civil, bem como itens relacionados ao perfil da criança sobre o qual o questionário foi respondido (como idade, gênero, escolaridade).

Procedimentos de coletas de dados e tradução da PSOC

Os questionários foram respondidos individualmente e conforme disponibilidade da participante. Na ocasião, foram apresentados os objetivos da pesquisa e, mediante aceitação do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, foi assegurado às mães o caráter confidencial de suas respostas, apresentando também um endereço onde as mesmas poderiam obter informações sobre os resultados finais do estudo. Atendendo ao disposto na Resolução nº 466 de 12 de dezembro de 2012 do Conselho Nacional de Saúde, ressalta-se que a efetivação do estudo foi aprovada pelo Comitê de Ética e Pesquisa da cidade onde a pesquisa foi realizada (CAAE 79882417.2.0000.5054).

Antes da coleta de dados, foi necessário submeter a PSOC a um processo de tradução e adaptação, o qual tem o objetivo de diminuir os vieses da cultura da qual o instrumento original provém (Pasquali, 2010). Para tanto, utilizou-se a técnica do *backtranslation*, apontada como a mais recomendada pela literatura, pois dificulta o viés de um dos tradutores pela versão preliminar (Pasquali, 2010). Inicialmente, contou-se com a participação de dois pesquisadores bilíngues para traduzirem os itens da escala para o português, formando, assim, duas versões preliminares e independentes entre si. Em seguida, confeccionou-se uma síntese das duas versões que foi encaminhada para avaliação de um comitê de experts e para uma amostra da população alvo, cuja função foi averiguar a compreensão, clareza e relevância dos itens (Borsa, Damásio, & Bandeira, 2012). A linguagem dos itens, por ter sido originalmente traduzida do inglês, apresentava conteúdos que não faziam referência direta à parentalidade e, portanto, foram inseridas expressões como “ser mãe” e “como mãe”. Após essa etapa, seguiu-se o processo de retradução, contando com outros dois pesquisadores bilíngues. As versões, então, foram comparadas com a original e as adaptações necessárias foram feitas a fim de se obter uma versão mais apropriada do instrumento em português.

Análise dos Dados

As análises foram efetuadas através do pacote estatístico IBM SPSS (*Statistical Package for the Social Sciences*), versão 21, que permite calcular os coeficientes de correlação entre os itens, bem como avaliar a adequação da matriz correspondente com o fim de se realizar uma análise fatorial (os indicadores *KMO* e *Teste de Esfericidade de Bartlett*). Este mesmo programa estatístico possibilitou conhecer a estrutura fatorial do conjunto de itens da medida avaliada, momento em que se estima realizar uma análise de Componentes Principais e logo calcular a consistência interna (*Alfa de Cronbach*) para os componentes resultantes. Adicionalmente, a fim de verificar a relação entre as medidas, foram realizadas correlações *r* de Pearson.

RESULTADOS

Estrutura Fatorial

Inicialmente, para se verificar a estrutura fatorial da PSOC, a fatorabilidade da matriz de dados foi confirmada por meio do $KMO = 0,80$ e do *Teste de Esfericidade de Bartlett*, $\chi^2(120) = 664,238$; $p < 0,001$ (Tabachnick & Fidel, 2001). Após essa etapa, buscou-se conhecer o número possível de componentes a serem extraídos, a partir dos critérios de Kaiser, de Cattell e de Horn (Análise Paralela), esses dois últimos identificados como mais robustos (Hair *et al.*, 2009).

Para tanto, utilizando os 17 itens da escala, foi realizada uma análise de componentes principais, sem estabelecer rotação e sem fixar o número de fatores a extrair. Uma primeira solução, com base nos valores próprios (*eigenvalue*) iguais ou superiores a um (critério de Kaiser), indicou a possibilidade de extrair até cinco componentes que, conjuntamente, explicaram 54,28% da variância total. Como o critério de Kaiser superestima o número de componentes (Hair *et al.*, 2009), procurou-se avaliar os demais critérios. O critério de Cattell, *scree plot*, é uma figura que indica como a variabilidade dos dados está organizada entre os eixos, o ponto que se localiza antes do gráfico começar a ficar horizontal é o indicativo do número máximo de fatores a ser extraído (Hair *et al.*, 2009). Assim, com base nesse critério, foi identificada a possibilidade de extração de dois fatores (ver figura 1).

Embora o *scree plot* seja bastante utilizado, a literatura tem destacado seu caráter subjetivo e ambíguo. Portanto, para dirimir possíveis dúvidas, optou-se por também utilizar a Análise Paralela (critério de Horn), em que se assumiram os parâmetros do banco de dados original (214 participantes e 17 variáveis) com 1000 simulações. Cada valor observado maior que o valor médio resultante das matrizes aleatórias indica a existência de um fator. Os resultados também apontaram uma solução de dois fatores, conforme pode ser visualizado na Tabela 1.

Em função desses resultados, optou-se por efetuar uma nova análise de componentes principais, fixando a extração de dois fatores e utilizando rotação *oblimin*. Os resultados podem ser observados na Tabela 2.

Como se verifica, a estrutura de dois fatores explicou 32,19% da variância total; o primeiro fator nomeado como Satisfação, reuniu 9 itens. Este apresentou valor próprio de 3,88 explicando 22,84% da variância total. O segundo componente, identificado como Eficácia, reuniu 7 itens, com valor próprio de 1,59, correspondendo à explicação de 9,35% da variância total. Todos os itens apresentam saturações dentro do que foi estabelecido como satisfatório, isto é, carga fatorial igual ou superior a $|0,30|$, exceto o item 8; optando-se por sua exclusão nas análises posteriores.

Consistência interna e correlação item-total

Os valores do alfa de Cronbach da PSOC foi de 0,75 para o fator *satisfação* (9 itens), 0,70 para o fator *eficácia* (7 itens) e 0,80 para o total (16 itens). Os resultados indicaram correlações entre item e seus respectivos fatores que variaram entre 0,33 e 0,53. Mais detalhes podem ser observados na tabela 3.

Evidências baseadas em medidas com construtos relacionados

Como discutido anteriormente, a literatura aponta que pais que se sentem mais seguros no desempenho de sua função parental (ou seja, pais com bons índices de competência parental) são mais predispostos a usar estilos e práticas parentais positivas e a ter filhos com menos dificuldades comportamentais (Belean, & Năstasă, 2017; Bornstein, Putnick & Suwalsky, 2018). Assim, procedeu-se uma correlação de *Pearson*, com intuito de se observar empiricamente como a PSOC se relaciona com estes construtos (Estilos Parentais e do Comportamento Infantil), operacionalizados pelo Inventário de Estilos Parentais (IEP) e pelo Questionário de Capacidades e Dificuldades (SDQ).

Em relação ao IEP, os resultados indicaram correlações positivas e significativas da PSOC com a pontuação total do Inventário de Estilos Parentais ($r = 0,45$, $p < 0,001$) e com os estilos parentais positivos: comportamento moral ($r = 0,45$, $p < 0,001$) e monitoria positiva ($r = 0,43$, $p < 0,001$); paralelamente, foram encontradas associações negativas e significativas com os estilos parentais negativos: punição inconsistente ($r = -0,31$, $p < 0,001$), negligência ($r = -0,21$, $p < 0,001$), disciplina relaxada ($r = -0,26$, $p < 0,001$) e monitoria negativa ($r = -0,90$, $p < 0,001$).

Quando relacionado ao Questionário de Capacidades e Dificuldades (SDQ), os resultados indicaram correlações negativas da PSOC com a pontuação total do SDQ que se refere a dificuldades comportamentais infantis ($r = -0,50$, $p < 0,001$) e com os fatores específicos: sintomas emocionais ($r = -0,27$, $p < 0,001$), problemas de conduta ($r = -0,35$, $p < 0,001$), hiperatividade ($r = -0,39$, $p < 0,001$) e problemas de relacionamento ($r = -0,25$, $p < 0,001$).

DISCUSSÃO

O objetivo deste estudo foi adaptar e apresentar evidências de validade e precisão da PSOC. Em termos gerais, confia-se que os resultados encontrados possibilitaram uma adaptação da PSOC para o Brasil, bem como contribuiu para os seus estudos de validade e precisão e, por conseguinte, para a área da avaliação da competência parental em contexto brasileiro. Embora algumas publicações (Ferreira *et al.*, 2011; Nunes *et al.*, 2016) tenham sugerido a versão de três fatores (Satisfação, Eficácia e Interesse), nesse estudo, a versão de dois fatores (Satisfação e Eficácia) se mostrou mais adequada. Tal estrutura se assemelha, por exemplo, à versão encontrada no estudo original (Johnston & Mash, 1989), a que foi realizada em uma amostra de pais de crianças pré-escolares portuguesas (Seabra-Santos *et al.*, 2015) e em pais brasileiros de baixa renda (Pardo *et al.*, 2018).

Em relação aos itens da PSOC, destaca-se que o item 17 (*"Ser uma boa mãe é algo gratificante por si só"*), embora em algumas pesquisas tenha sido excluído das análises (Pardo *et al.*, 2018; Seabra-Santos *et al.*, 2015), nesse estudo, o item teve carga fatorial acima do recomendado pela literatura no Fator Eficácia ($>0,30$) e, portanto, optou-se por sua permanência no instrumento. Recomenda-se que a relevância desse item também seja observada em outros estudos.

Em paralelo a isso, observou-se que o item 8 (*"A dificuldade de ser pai/mãe é não saber se está a fazer um bom ou um mau trabalho"*) apresentou baixa carga fatorial. Acerca disso, discute-se a possibilidade de que a interpretação dada pelas mães ao conteúdo do item não tenha se configurado como um elemento que discrimine um sentimento de competência parental, tal como é operacionalizada pelo instrumento (satisfação e eficácia), mas sim uma dificuldade derivada da insegurança/confiança sobre o desempenho parental (Ferreira *et al.*, 2011). Alguns estudos também já

havam elucidado o caráter problemático do item (Ferreira *et al.*, 2011; Seabra-Santos *et al.*, 2015) e, portanto, recomendou-se que o item fosse excluído.

Em relação à precisão, os resultados apontaram um valor de 0,80 para a escala como um todo, 0,75 para o fator satisfação e 0,70 para o fator eficácia, valores que se apresentam dentro do recomendado pela literatura ($\alpha \geq 0,70$; Nunnally, 1991). Tais resultados também têm sido corroborados em estudos semelhantes, como na versão original de Josh e Mash (1989) que encontrou alfas de 0,79 (total), 0,75 (Satisfação) e 0,76 (Eficácia).

Em relação a outras medidas, os resultados apontaram que quanto maiores são as pontuações em senso de competência parental (PSOC), menores são as pontuações em dificuldades comportamentais infantis (SDQ) e mais positivos são os estilos parentais (IEP). Tais resultados corroboram o que vem sendo discutido na literatura, em que se aponta que uma melhoria na competência parental tende a tornar mais positivas as práticas parentais, reduzindo os problemas comportamentais infantis, e, por conseguinte, promovendo uma relação menos conflituosa entre pai-filho (Belean, & Năstasă, 2017; Bornstein, Putnick & Suwalsky, 2018).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Confia-se que os resultados apresentados trazem aspectos importantes sobre a qualidade psicométrica do PSOC, indicando sua adequação e contribuindo para as evidências de validade e de precisão da medida em contexto brasileiro. Entretanto, alguns aspectos necessitam ser ponderados.

O primeiro diz respeito ao tipo de análise realizada, que se pautou em análises exploratórias. Entretanto, tal escolha se deu devido à ausência de outros estudos psicométricos da medida em contexto brasileiro, em que se pudesse comparar os resultados. Sobre isso, sugere-se a realização de outros estudos psicométricos acerca da medida, em que se possa realizar análises fatoriais confirmatórias. O segundo aspecto diz respeito ao público-alvo da amostra que se restringiu às mães. A partir disso, encoraja-se a ampliação do estudo para outros cuidadores, como pais, de forma que também se possa ser um instrumento adaptado para este público.

Não obstante a tais observações, conclui-se que a PSOC, enquanto medida adaptada, válida e precisa, pode ser um instrumento útil em contexto brasileiro na área de pesquisa e de intervenção no campo da parentalidade.

Referências

- Arellano, A., Denne, L. D., Hastings, R. P., & Hughes, J. C. (2017). Parenting sense of competence in mothers of children with autism: Associations with parental expectations and levels of family support needs. *Journal of Intellectual & Developmental Disability*, 1-7.
- Augustinavicius, J. L., Murray, S. M., Familiar-Lopez, I., Boivin, M. J., Mutebe, A., Arima, E., & Bass, J. K. (2020). Measurement of Parenting Self-efficacy Among Female HIV-Affected Caregivers in Uganda. *Maternal and Child Health Journal*, 1-9.
- Bandura, A. (1982). The assessment and predictive generality of self-percepts of efficacy. *Journal of behavior therapy and experimental psychiatry*, 13(3), 195-199.

- Belean, R. D., & Năstasă, L. E. (2017). The Relationship between Parental Style, Parental Competence and Emotional Intelligence. *Bulletin of the Transilvania University of Brasov. Series VII, Social Sciences and Law.*, 10(2), 181-190.
- Berryhill, M. B. (2016). Mothers' parenting stress and engagement: Mediating role of parental competence. *Marriage & Family Review*, 52(5), 461-480.
- Bornstein, M. H., Putnick, D. L., & Suwalsky, J. T. (2018). Parenting cognitions→ parenting practices→ child adjustment? The standard model. *Development and psychopathology*, 30(2), 399-416.
- Borsa, J. C., Damásio, B. F., & Bandeira, D. R. (2012). Adaptação e validação de instrumentos psicológicos entre culturas: algumas considerações. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, 22(53), 423-432.
- Bui, E., Zakarian, R. J., Laifer, L. M., Sager, J. C., Chen, Y., Cohen, S., ... & Ohye, B. (2017). Psychometric properties of the Parenting Sense of Competence Scale in treatment-seeking post-9/11 veterans. *Journal of Child and Family Studies*, 26(2), 464-470.
- Camilo, C., & Garrido, M. V. (2013). Desenho e avaliação de programas de desenvolvimento de competências parentais para pais negligentes: Uma revisão e reflexão. *Análise Psicológica*, 31(3), 245-268.
- CFP. *Resolução N° 009, de 25 de abril de 2018*. Estabelece diretrizes para a realização de Avaliação Psicológica no exercício profissional da psicóloga e do psicólogo, regulamenta o Sistema de Avaliação de Testes Psicológicos - SATEPSI e revoga as Resoluções n° 002/2003, n° 006/2004 e n° 005/2012 e Notas Técnicas n° 01/2017 e 02/2017. Brasília, DF: Conselho Federal de Psicologia.
- Cruz, I. C. & Pocinho, M. (2011). Avaliação de Competências Parentais para a idade Pré-Escolar. *Mosaico*, 47, 5-11.
- Duan, X., Lei, P., & Chen, H. (2018). A follow-up study about parenting sense of competence and rumination in mothers of premature infants. *Chinese Journal of Practical Nursing*, 34(12), 921-925.
- Farkas-Klein, C. (2008). Escala de Evaluación Parental (EEP): Desarrollo, propiedades psicométricas y aplicaciones. *Universidade Psychologica*, 7 (2), 457-467.
- Ferreira, B., Monteiro, L., Fernandes, C., Cardoso, J., Veríssimo, M., & Santos, A. J. (2014). Percepção de Competência Parental: Exploração de domínio geral de competência e domínios específicos de auto-eficácia, numa amostra de pais e mães portuguesas. *Análise Psicológica*, 32(2), 145-156.
- Fleitlich, B., Cortázar, P. G., & Goodman, R. (2000). Questionário de capacidades e dificuldades (SDQ). *Infanto rev. neuropsiquiatr. infanc. adolesc.*, 8(1), 44-50.

- Gibaud-Wallston, J., & Wandersman, L. P. (1978). *Parenting sense of competence scale*. Lawrence Erlbaum Associates.
- Gilmore, L., & Cuskelly, M. (2009). Factor structure of the Parenting Sense of Competence scale using a normative sample. *Child: care, health and development*, 35(1), 48-55.
- Gomide, P. (2011). *Inventário de Estilos Parentais (IEP): modelo teórico, manual de aplicação, apuração e interpretação*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Grady, J. S., & Karraker, K. (2017). Mother and child temperament as interacting correlates of parenting sense of competence in toddlerhood. *Infant and Child Development*, 26(4), 1997.
- Hair Jr., J. et al, (2009). *Análise Multivariada de Dados*. 6a Ed. Porto Alegre: Bookman.
- Jackson, C. B., & Moreland, A. D. (2018). Parental Competency as a Mediator in the PACE Parenting Program's Short and Long-term Effects on Parenting Stress. *Journal of Child and Family Studies*, 27(1), 211-217.
- Jiménez-Morago, J. M., León, E., & Algeciras, C. (2018). Parental sense of competence among non-kin foster carers from Spain. *Children and Youth Services Review*, 94, 437-445.
- Johnston, C., & Mash, E. J. (1989). A measure of parenting satisfaction and efficacy. *Journal of clinical child psychology*, 18(2), 167-175.
- Johnston, C., Park, J. L., & Miller, N. V. (2018). Parental cognitions: Relations to parenting and child behavior. In *Handbook of parenting and child development across the lifespan* (pp. 395-414). Springer, Cham.
- Jones, T. L., & Prinz, R. J. (2005). Potential roles of parental self-efficacy in parent and child adjustment: A review. *Clinical psychology review*, 25(3), 341-363.
- Katkić, L., Morović, M., & Kovačić, E. (2017). Parenting stress and a sense of competence in mothers of children with and without developmental disabilities. *Hrvatska revija za rehabilitacijska istraživanja*, 53(Supplement), 63-76.
- Latham, R. M., Mark, K. M., & Oliver, B. R. (2018). Coparenting and children's disruptive behavior: Interacting processes for parenting sense of competence. *Journal of Family Psychology*, 32(1), 151-156.
- Löfgren, H. O., Petersen, S., Nilsson, K., Ghazinour, M., & Hägglöf, B. (2017). Effects of Parent Training Programmes on Parents' Sense of Competence in a General Population Sample. *Global Journal of Health Science*, 9(7), 24-34.
- Martinez-Torteya, C., Katsonga-Phiri, T., Rosenblum, K. L., Hamilton, L., & Muzik, M. (2018). Postpartum depression and resilience predict parenting sense of competence in women with childhood maltreatment history. *Archives of*

women's mental health, 21(6), 777-784.

Nelson, S. K., Kushlev, K., & Lyubomirsky, S. (2014). The pains and pleasures of parenting: When, why, and how is parenthood associated with more or less well-being?. *Psychological Bulletin*, 140(3), 846.

Nunes, C., Jiménez, L., Menéndez, S., Ayala-Nunes, L., & Hidalgo, V. (2016). Psychometric properties of an adapted version of the parental sense of competence (PSOC) scale for Portuguese at-risk parents. *Child & Family Social Work*, 21(4), 433-441.

Nunnally, J. C, 1991. *Teoría psicométrica*. México, DF: Trillas.

Ohan, J. L., Leung, D. W., & Johnston, C. (2000). The Parenting Sense of Competence scale: Evidence of a stable factor structure and validity. *Canadian Journal of Behavioural Science/Revue canadienne des sciences du comportement*, 32(4), 251-261.

Oltra-Benavent, P., Cano-Climent, A., Oliver-Roig, A., Cabrero-García, J., & Richart-Martínez, M. (2019). Spanish version of the Parenting Sense of Competence scale: Evidence of reliability and validity. *Child & Family Social Work*.

Pardo, M. B. L., de Carvalho, M. S. B., Fontaine, A. M., & Freitas, D. (2018). Competência Educativa Parental: estudo de propriedades psicométricas da escala com amostra brasileira. *Avaliação Psicológica*, 17(2), 243-25.

Pasquali, L et al (2010). *Instrumentação Psicológica: fundamentos e práticas*. Porto Alegre: Artmed.

Pereira, A. I., & Barros, L. (2019). Parental cognitions and motivation to engage in psychological interventions: A systematic review. *Child Psychiatry & Human Development*, 50(3), 347-361.

Raposo, H. S., de Carvalho Figueiredo, B. F., do Vale Lamela, D. J. P., Nunes-Costa, R. A., Castro, M. C., & Prego, J. (2011). Ajustamento da criança à separação ou divórcio dos pais. *Archives of Clinical Psychiatry*, 38(1), 29-33.

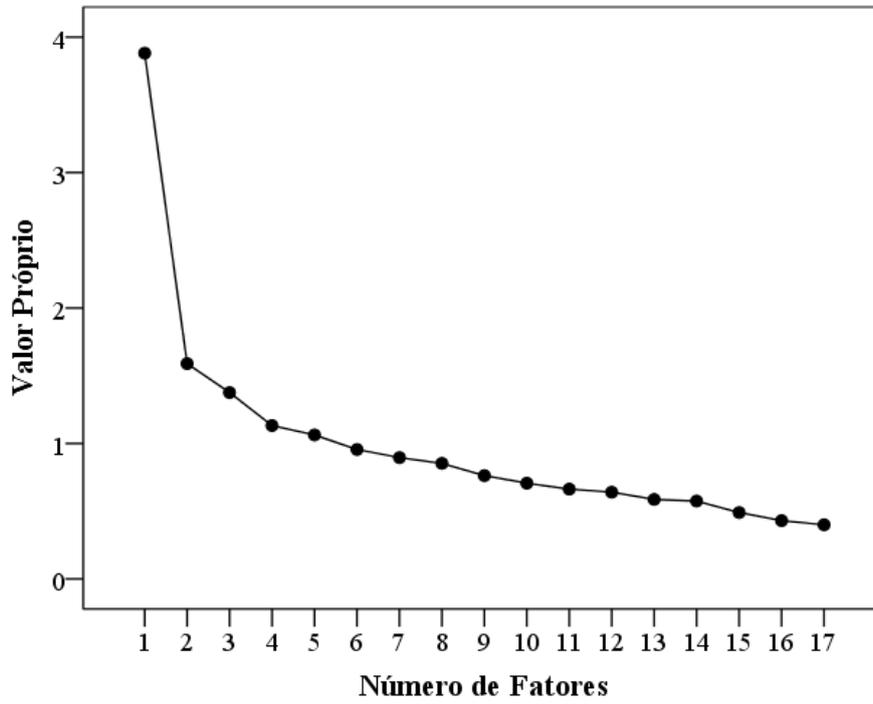
Santini, P. M., & De Albuquerque Williams, L. C. (2016). Efeitos de procedimentos para maximizar o bem-estar e a competência parental em mulheres vitimizadas. *Estudos de Psicologia*, 33(04), 711-721.

Seabra-Santos, M. J., Major, S., Pimentel, M., Gaspar, M. F., Antunes, N., & Roque, V. (2015). Escala de Sentido de Competência Parental (PSOC): estudos psicométricos. *Avaliação Psicológica: Interamerican Journal of Psychological Assessment*, 14(1), 97-106.

Tabachnick, B. Fidell, L (2001). *Using multivariate statistics*. Nova York: Allyn & Bacon.

Lista de Figuras

Figura 1 - Scree Plot (PSOC)



Lista de Tabelas

Tabela 1 - Análise Paralela para os itens da PSOC

Valores Observados	Valores simulados	Percentis
4,11	1,52	1,62
1,62	1,41	1,48
1,32	1,33	1,39
1,12	1,25	1,31
1,04	1,19	1,24
0,96	1,13	1,18
0,88	1,08	1,12
0,81	1,02	1,07
0,74	0,97	1,01
0,69	0,93	0,97
0,65	0,88	0,92
0,60	0,83	0,87
0,50	0,78	0,82
0,49	0,73	0,78
0,43	0,68	0,73
0,40	0,63	0,68
0,39	0,57	0,62

Tabela 2 - Estrutura Fatorial da PSOC

Conteúdo dos Itens	Componente		h ²
	I	II	
02. Embora ser mãe possa ser gratificante em alguns momentos, atualmente me sinto frustrada.	0,72	0,17	0,47
03. Como mãe, eu durmo e acordo sentindo que não alcancei muitas coisas na vida.	0,66	-0,02	0,44
16. Ser mãe é algo que me deixa tensa e ansiosa.	0,60	-0,02	0,36
12. Meus talentos e interesses estão relacionados com outras áreas, mas não em ser mãe.	0,59	-0,03	0,35
05. Minha mãe estava mais preparada para ser uma boa mãe do que eu.	0,50	-0,22	0,36
14. Se a função de mãe fosse um pouco mais interessante, eu ficaria motivada em fazer um melhor trabalho.	0,44	-0,13	0,25
06. Eu seria um exemplo para uma pessoa que quer aprender como ser uma boa mãe.	-0,36	0,23	0,24
04. Não sei porquê, mas sinto que estou sendo manipulada pelo meu filho, quando eu deveria estar no controle.	0,35	-0,16	0,18
09. Sinto que não estou conseguindo atingir meus objetivos como mãe.	0,31	-0,15	0,14
11. Se alguém pode descobrir o que está incomodando meu filho, essa pessoa sou eu.	0,27	0,70	0,45
13. Considerando o tempo desde que me tornei mãe, posso dizer que estou bem familiarizada com esse papel.	-0,13	0,63	0,46
10. Superei minhas expectativas em ser mãe pela experiência em cuidar do meu filho.	0,01	0,62	0,38
01. Eu já aprendi que os problemas que se tem ao cuidar de filhos são facilmente resolvidos quando se sabe como minhas ações afetam a criança.	0,00	0,59	0,35
07. Ser mãe é algo possível de administrar e qualquer problema pode ser facilmente resolvido.	-0,25	0,50	0,38
15. Eu acredito que tenho todas as habilidades necessárias para ser uma boa mãe.	-0,18	0,47	0,30
17. Ser uma boa mãe é algo gratificante por si só	-0,10	0,47	0,26
08. A maior dificuldade em ser mãe é não saber se você está fazendo um bom ou um mau trabalho.	0,29	0,13	0,08
Número de Itens	9	7	
Valor Próprio	3,88	1,59	
% Variância Total explicada	22,84	9,35	
Alfa de Cronbach	0,75	0,70	

Nota: * carga fatorial considerada satisfatória $\geq |0,30|$;

Tabela 3 - Estatística descritiva dos itens e correlação item-total da PSOC

Item	Média	Desvio Padrão	$r_{i,t}$	Precisão*
Fator 1 (Satisfação) $\alpha= 0,75$				
02	3,80	1,75	0,43	0,73
03	4,28	1,68	0,53	0,71
04	5,09	1,29	0,35	0,74
05	4,55	1,51	0,45	0,73
06	4,56	1,03	0,33	0,74
09	4,24	1,39	0,52	0,72
12	4,89	1,31	0,46	0,73
14	4,97	1,34	0,40	0,73
16	3,89	1,56	0,41	0,73
Fator 2 (Eficácia) $\alpha= 0,70$				
01	4,70	1,07	0,38	0,67
07	4,10	1,47	0,44	0,66
10	4,53	1,15	0,41	0,66
11	4,93	1,13	0,35	0,68
13	5,08	1,03	0,52	0,64
15	4,74	1,09	0,37	0,67
17	5,12	1,16	0,39	0,67

Nota: $r_{i,t}$ = Correlação Item-Total Corrigida; *precisão total do instrumento caso o item seja removido.